

DA INDIVIDUALIDADE AO COLETIVO: A MANCHA ALVIVERDE E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO LAZER FUTEBOLÍSTICO

Recebido em: 26/06/2025

Aprovado em: 06/11/2025

Licença: 

Gabriela Fernanda Aguera de Mello¹

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

São Paulo – SP – Brasil

<https://orcid.org/0009-0004-2819-1328>

Albuquerque Milagres²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

São Paulo – SP – Brasil

<https://orcid.org/0009-0004-2819-1328>

RESUMO: Este artigo investiga os processos de construção identitária e os sentidos atribuídos ao lazer futebolístico a partir das práticas comunicacionais da torcida organizada Mancha Alviverde nas redes sociais. A pesquisa se fundamenta em uma etnografia digital, analisando postagens no Instagram durante o mês de julho de 2025, e se ancora teoricamente nos Estudos do Lazer, na Psicologia Social Crítica e na Ciberpsicologia. Os resultados indicam que as publicações da Mancha operam como dispositivos de significação e pertencimento, articulando memória coletiva, afetividade, resistência e solidariedade no contexto digital. Conclui-se que o lazer vivido no universo das torcidas organizadas não é apenas um espaço de entretenimento, mas uma arena simbólica de luta, reconhecimento e produção identitária.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Identidade Coletiva. Torcidas Organizadas. Psicologia Social. Ciberpsicologia. Etnografia digital.

FROM INDIVIDUALITY TO THE COLLECTIVE: MANCHA ALVIVERDE AND THE CONSTRUCTION OF IDENTITIES IN FOOTBALL LEISURE

ABSTRACT: This article investigates the identity construction processes and meanings attributed to football-related leisure through the digital communication practices of the Mancha Alviverde organized fan group. The study is based on online ethnography, analyzing Instagram posts from July 2025, and is theoretically grounded in Leisure

¹ Mestranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro do grupo de pesquisa Núcleo de estudos de pesquisas em identidade – NEPIM, Psicologia Social. Bolsista da Fundação São Paulo – FUNDASP.

² Psicóloga com atuação clínica desde 2019. Mestranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pós-graduanda em Psicologia Comportamental pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP).

Studies, Critical Social Psychology, and Cyberpsychology. The results show that the group's posts act as symbolic devices of belonging, mobilizing collective memory, affectivity, resistance, and solidarity within digital environments. The study concludes that leisure within organized fan culture is not merely entertainment, but a symbolic arena of struggle, recognition, and identity production.

KEYWORDS: Leisure. Collective Identity. Organized Fan Groups. Social Psychology. Cyberpsychology. Online Ethnography.

Introdução

As torcidas organizadas constituem um fenômeno social e cultural de grande relevância no Brasil, especialmente por seu papel na construção de identidades coletivas, no fortalecimento dos laços de pertencimento e na ocupação simbólica dos espaços urbanos e digitais. Longe de representarem apenas agrupamentos de apoio aos clubes de futebol, as torcidas atuam como coletivos políticos, afetivos e culturais que produzem sentidos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo social que habitam.

Neste artigo, investigamos a atividade digital da Mancha Alviverde, torcida organizada vinculada à Sociedade Esportiva Palmeiras, a partir de suas postagens no Instagram durante o mês de julho de 2025. A pesquisa se fundamenta na etnografia digital (Hine, 2000) e busca compreender como os discursos, imagens e práticas simbólicas compartilhadas nas redes sociais contribuem para a construção identitária do grupo e para a ressignificação do lazer futebolístico como experiência coletiva e politizada.

A identidade, entendida aqui como processo dinâmico e metamórfico (Ciampa, 1987), é constituída nas relações sociais, sendo continuamente (re)significada por meio das interações mediadas pela linguagem, pelos símbolos e pelas práticas cotidianas. A Psicologia Social Crítica, especialmente nas contribuições de Silvia Lane (1990), nos

permite compreender esses processos como atravessados por ideologia, história e coletividade.

Além disso, os Estudos do Lazer (Marcellino, 2010; Gomes, 2004) oferecem subsídios para pensar o lazer não como simples entretenimento, mas como prática social que pode favorecer a construção de vínculos, o exercício da cidadania e a resistência simbólica de grupos subalternizados. As postagens analisadas revelam como a Mancha Alviverde constrói narrativas que envolvem memória, protesto, afeto, solidariedade e cuidado, articulando elementos do cotidiano da torcida com expressões de resistência e pertencimento.

A presença digital da Mancha também se articula com os pressupostos da Ciberpsicologia (Suler, 2004; Gaggioli, 2016), campo que nos ajuda a compreender como as tecnologias digitais moldam as formas de expressão identitária, de vínculo grupal e de afirmação coletiva. O Instagram da torcida torna-se uma extensão simbólica de seu território, onde se reproduzem performances torcedoras, se atualizam memórias e se convocam afetos que atravessam o tempo e o espaço.

Dessa forma, este estudo busca contribuir com o campo dos Estudos do Lazer e da Psicologia Social ao oferecer uma análise crítica sobre as manifestações identitárias das torcidas organizadas no ambiente digital, enfatizando a potência coletiva dessas práticas e sua relevância para a compreensão dos modos contemporâneos de ser, pertencer e resistir.

A identidade como Processo Psicossocial

A noção de identidade, sobretudo em contextos de coletividade como as torcidas organizadas, exige uma abordagem crítica que compreenda o sujeito para além da visão

individualista e essencialista predominante nas tradições psicológicas clássicas. Na Psicologia Social Crítica brasileira, Lane (1990) destaca que a identidade é constituída historicamente nas relações sociais, sendo atravessada por determinações ideológicas, econômicas e culturais. Nesse sentido, o sujeito é compreendido como um ser social e histórico, que se transforma ao transformar o mundo à sua volta, o que implica entender a identidade como uma construção contínua, e não como uma essência dada.

Tomando como base essa perspectiva, Ciampa (1987) propõe o conceito de metamorfose identitária, entendendo que a identidade não é um ponto fixo, mas um processo dialético entre o “mesmo” e o “outro de si”. O sujeito se constrói por meio das contradições entre o que é, o que foi e o que deseja ser atravessado por práticas sociais e instituições que tanto impõem normas quanto possibilitam resistências. Para o autor, a identidade é sempre uma “narrativa de si”, em disputa, repleta de tensões entre o personagem (papéis sociais) e a pessoa (singularidade subjetiva), marcada por trajetórias sociais diversas (Ciampa, 1987, p. 85).

As torcidas organizadas, nesse contexto, funcionam como espaços privilegiados de produção e metamorfose identitária. São arenas simbólicas onde os sujeitos constroem sentidos para si mesmos e para os outros, por meio de símbolos, ritos, cantos, indumentárias e práticas coletivas. Ao adentrar a Mancha Alviverde, por exemplo, um torcedor não apenas expressa sua adesão ao clube Palmeiras, mas também performa pertencimentos sociais e afetivos que o situam em uma rede de vínculos e reconhecimentos (Holanda, 2006). A indumentária verde, os códigos internos e os cânticos de arquibancada são mais que acessórios: são marcadores identitários.

Tajfel (1981), ao desenvolver a Teoria da Identidade Social, argumenta que a pertença a grupos sociais fornece aos indivíduos parte de sua autoimagem. O sujeito se

define por meio das categorias sociais que compartilha e pelas diferenciações entre o “nós” e os “outros”. No caso das torcidas, essa dicotomia aparece nas rivalidades históricas com outras agremiações, mas também nas disputas internas entre torcedores organizados e os chamados torcedores comuns, além das tensões com a mídia e as instituições de segurança pública.

A Psicologia Social Crítica brasileira retoma e amplia esse conceito ao inserir a categoria de totalidade histórica e contradição social. Lane (1984, p. 10) destaca que “a identidade é construída em um movimento dialético entre a objetividade das condições materiais e a subjetividade dos sujeitos sociais”. Isso quer dizer que um integrante da Mancha Alviverde não constrói sua identidade apenas por seu amor ao clube, mas também em função das exclusões sociais que vivencia, das resistências que articula, e das memórias que compartilha com os demais membros da torcida.

Moscovici (1978), por sua vez, ao tratar das representações sociais, oferece uma importante chave de leitura para compreender como se formam os sentidos coletivos que estruturam a identidade dos grupos. As representações sobre a torcida – muitas vezes estigmatizadas como violentas, marginais ou irracionais – são internalizadas, ressignificadas ou confrontadas pelos próprios membros, que por sua vez constroem novas representações de si e dos outros. O processo de construção identitária envolve, portanto, não apenas o que o grupo pensa de si, mas também a forma como é percebido externamente e como responde a essas percepções.

É preciso considerar também os atravessamentos de classe, raça e gênero na construção da identidade coletiva. Como apontam Silva *et al* (2010), os espaços das torcidas organizadas, embora muitas vezes pensados como homogêneos, reproduzem desigualdades e também possibilitam formas de enfrentamento e pertencimento. Jovens

periféricos, negros e trabalhadores encontram nas torcidas não apenas lazer, mas também reconhecimento, proteção e possibilidade de atuação política e cultural.

A identidade, nessa perspectiva, não pode ser vista como um estado, mas como um fluxo. Ela é construída nos embates entre o instituído e o instituinte (Castoriadis, 1982), entre as normas estabelecidas e as potências criativas dos sujeitos. Na Mancha Alviverde, esses embates são visíveis nas práticas de resistência à repressão policial, nas ocupações simbólicas dos espaços urbanos (como nos cortejos e ensaios) e na produção estética das faixas, batuques e grafites.

Por isso, compreender a construção identitária nas torcidas organizadas exige um olhar atento às suas micropolíticas. Como lembra Sawaia (1999), o sofrimento ético-político é uma dimensão fundamental da subjetividade em contextos de exclusão e resistência. A luta pelo reconhecimento, pela voz e pelo espaço nas cidades está diretamente implicada nos modos de ser-torcedor, de narrar-se como sujeito e de pertencer a um coletivo.

Diante disso, este trabalho parte da hipótese de que a Mancha Alviverde opera como um território de construção identitária em que se articulam elementos históricos, afetivos, culturais e políticos. A análise documental proposta nos próximos capítulos buscará evidenciar como essa identidade é performada nas redes sociais, nos discursos institucionais e nas práticas cotidianas, revelando tanto os limites quanto as potências do pertencimento coletivo no lazer futebolístico.

O lazer como Espaço de Produção de Identidades e Resistência Urbana

Neste trabalho, compreendemos o lazer futebolístico como o conjunto de práticas sociais, culturais e afetivas vivenciadas pelos torcedores organizados que transcendem o momento do jogo em si. Trata-se de um lazer que engloba não apenas a experiência no estádio, mas também os rituais de preparação, os deslocamentos

coletivos, as celebrações, os protestos, as festas, os ensaios de bateria, a produção de materiais visuais e a ocupação simbólica dos espaços urbanos e digitais. O lazer futebolístico, portanto, configura-se como uma forma de vivência coletiva que articula paixão pelo clube, pertencimento grupal e ação política no cotidiano das torcidas organizadas.

O lazer, tradicionalmente compreendido como tempo livre ou prática recreativa, tem ganhado novos contornos teóricos ao ser analisado como um fenômeno social, político e cultural. Para Gomes (2004), o lazer não pode ser entendido apenas como “tempo de não trabalho”, mas como um espaço simbólico de vivência e elaboração da vida cotidiana, no qual os sujeitos se constituem socialmente. Nesse sentido, o lazer é um tempo-espaço de subjetivação, atravessado por disputas, afetos e formas de resistência que vão muito além do entretenimento.

Segundo Marcellino (1995), o lazer possui um caráter emancipatório quando vivenciado em sua forma crítica, ou seja, quando permite ao sujeito uma reflexão sobre si mesmo e seu lugar no mundo. A perspectiva crítica do lazer propõe o rompimento com a visão alienante e mercantilizada das práticas de tempo livre, reconhecendo-as como instâncias de expressão cultural e de construção identitária. É nesse sentido que o lazer das torcidas organizadas ganha relevância: ele ultrapassa o campo do futebol para se constituir em território político de expressão do ser coletivo.

Araújo (2012) destaca que o lazer pode ser compreendido como arena de lutas simbólicas, onde grupos sociais manifestam seus valores, sua história e seus modos de vida. Essa dimensão é visível nas práticas das torcidas organizadas, que constroem seus próprios rituais, códigos, linguagens e temporalidades. Os cortejos, ensaios de bateria,

reuniões e até lutos coletivos são formas de vivência do lazer que desafiam as normativas da cidade e expressam pertencimento.

Matos (2015) complementa ao afirmar que o lazer se manifesta como prática territorial, uma vez que se ancora em espaços concretos e simbólicos de vivência coletiva. No caso das torcidas organizadas, o estádio, a sede da torcida, as ruas e até as redes sociais tornam-se espaços de vivência do lazer e da memória. O território da torcida é, assim, tecido pela experiência estética e política de seus membros, articulando o cotidiano com a paixão pelo clube.

Melo (2009), ao fazer uma análise histórica do lazer, aponta que esse campo foi moldado por interesses econômicos e políticos, sendo frequentemente apropriado por projetos higienistas e disciplinadores das classes populares. As torcidas organizadas, ao ocuparem praças, ruas e estádios com seus corpos, cantos e faixas, rompem com a lógica de docilização urbana e ressignificam os espaços de lazer como territórios de insurgência e visibilidade coletiva.

Cunha (2003), a partir de uma leitura marxista, observa que o lazer pode tanto servir à lógica do capital – ao ser transformado em produto de consumo – quanto funcionar como espaço contra-hegemônico. No caso das torcidas organizadas, o lazer se manifesta por meio de práticas autônomas, criativas e colaborativas que não se encaixam no modelo comercializado de entretenimento, e sim numa lógica de resistência cultural e afirmação identitária.

Sawaia (1999), com base na Psicologia Social Crítica, enfatiza que as práticas de lazer vividas por grupos marginalizados revelam não apenas estratégias de sobrevivência, mas também formas de expressar o sofrimento ético-político. A presença das torcidas nas ruas, nas arquibancadas e nas redes sociais é também a manifestação de

um desejo de reconhecimento, pertencimento e dignidade frente a uma sociedade que os marginaliza.

Silva e Knijnik (2010) analisam como a juventude periférica se apropria do lazer como forma de elaboração de si e de seus territórios. A ausência de políticas públicas de lazer, somada à criminalização das expressões juvenis, faz com que o lazer das torcidas organizadas assumam um caráter de “ação política espontânea”, onde o prazer, a luta e a memória se entrelaçam. Isso é evidente nos atos públicos, nos protestos e nas festas organizadas pela Mancha Alviverde, que ocupam a cidade e a resignificam.

No campo da Psicologia Social, Lane (1984) reforça que o lazer pode ser espaço de desenvolvimento humano quando vinculado à práxis, ou seja, à ação transformadora do sujeito em seu contexto. Lane (1984) entende que a subjetividade é formada nas relações sociais e que o lazer, ao proporcionar vivências coletivas, estimula a produção de sentidos e a formação identitária. Isso se verifica nas narrativas e símbolos que os membros da Mancha Alviverde constroem, compartilhando memórias e ideais em torno de sua trajetória enquanto coletivo.

Por fim, o lazer das torcidas organizadas, como o vivenciado pela Mancha Alviverde, é expressão de uma identidade em constante construção, onde o tempo livre se converte em tempo simbólico de luta, celebração e pertencimento. A torcida, nesse sentido, não é apenas um grupo de apoio ao clube, mas um espaço de produção de subjetividades, de práticas de solidariedade e de elaboração coletiva da existência. Assim, o lazer deve ser compreendido como fenômeno político, cultural e psicossocial – fundamental para a compreensão das dinâmicas identitárias urbanas.

A Torcida como Território de Identidade Urbana

A identidade é um conceito central para a compreensão dos coletivos urbanos, especialmente no contexto das torcidas organizadas, que se estruturam como comunidades simbólicas onde o pertencimento é constantemente (re)construído. Conforme aponta Silva (2000, p. 79), a identidade deve ser entendida como “uma construção, uma produção, algo que está sempre em processo e nunca completo, acabado”. Esse caráter processual é intensamente vivido no cotidiano das torcidas, onde a coletividade se expressa por meio de rituais, símbolos, cânticos e práticas corporais.

No campo da Psicologia Social Crítica, o conceito de identidade é trabalhado com base em uma crítica à noção essencialista e estática do sujeito. Lane (1984, p. 13) propõe uma visão de sujeito histórico, inserido em relações sociais e ideológicas que produzem sentidos para a sua existência. Nas torcidas organizadas, essas relações se expressam em formas concretas de resistência, pertencimento e representação, especialmente em um país marcado por desigualdades estruturais como o Brasil. A identidade torcedora, portanto, não é apenas uma expressão lúdica, mas uma construção política e afetiva.

Faria (2003) observa que a cidade é um palco privilegiado de conflitos e negociações simbólicas, onde os grupos sociais se disputam por visibilidade e reconhecimento. As torcidas organizadas, nesse contexto, ocupam uma função de contraponto à urbanização homogênea, criando territórios de expressão coletiva. A Mancha Alviverde, por exemplo, afirma sua presença na cidade por meio de faixas, grafites, cortejos e festas, elementos que funcionam como “marcadores identitários” (Haesbaert, 2004, p. 152), reafirmando o direito à cidade e ao lazer em espaços nem sempre acessíveis às camadas populares.

Para além da identificação com o clube, a torcida se constitui como espaço de pertencimento, onde experiências de classe, gênero, raça e geração se entrelaçam. Hall (2006, p. 13) afirma que a identidade cultural “não é um conjunto fixo de traços, mas um posicionamento, um processo de identificação que se dá por meio da diferença”. No caso das torcidas, essa diferença é mobilizada tanto contra o adversário (rivalidades entre torcidas) quanto em relação às normas dominantes da cidade, das instituições e até da mídia esportiva. É nesse embate que a identidade torcedora se fortalece.

Ciampa (1987) contribui decisivamente ao pensar a identidade como uma metamorfose: um processo dinâmico de construção de si nas tramas da historicidade. Para ele, o sujeito se constitui na “dialética entre o instituído e o instituinte” (Ciampa, 1987, p. 49), ou seja, entre as normas sociais e as possibilidades de ruptura e criação. As torcidas organizadas vivem essa dialética cotidianamente: embora possuam regulamentos, estatutos e regras internas, são também espaços de invenção de si, onde jovens constroem sentidos para suas trajetórias em meio a contextos muitas vezes adversos.

A presença da torcida na rua — nas carreatas, nos jogos, nas ações sociais e protestos — reconstrói simbolicamente o espaço urbano. Como aponta Castells (2013), os movimentos sociais urbanos, ao ocuparem os espaços públicos, não apenas reivindicam direitos, mas também produzem significados coletivos. A Mancha Alviverde, ao ocupar ruas e estádios com seus símbolos e gritos de guerra, reinscreve o espaço urbano com sua identidade, disputando sentidos com o capital, com o poder público e com as narrativas hegemônicas.

Nesse sentido, as práticas da torcida não podem ser lidas apenas como manifestações esportivas, mas como formas de expressão de uma cultura urbana que

desafia as lógicas de exclusão. O lazer vivido pelos torcedores é carregado de política, pois inscreve corpos periféricos em locais de visibilidade e protagonismo. Como destaca Barbosa (2018, p. 35), o lazer pode ser “um campo de disputa simbólica, onde se manifestam resistências e contradições da sociedade contemporânea”. A torcida é, portanto, um locus privilegiado dessa disputa.

É fundamental compreender, ainda, que a identidade construída no interior das torcidas não é homogênea. Ela carrega tensões internas, disputas de narrativa, conflitos entre gerações e entre formas distintas de vivência do torcer. Essa heterogeneidade é parte do processo identitário, que não busca uma uniformidade, mas a negociação constante entre diferentes vozes. Segundo Le Bon (2008, p. 74), “a identidade não é um dado, mas um trabalho”, algo que exige elaboração e constante redefinição — característica evidente no cotidiano das torcidas.

A relação com o território também é central na produção dessa identidade. Como mostra Santos (2002), o território não é apenas um espaço físico, mas um espaço vivido, repleto de significados. A Mancha Alviverde constrói um território simbólico a partir de seus pontos de encontro, suas sedes, suas caminhadas e até suas redes sociais. Esses territórios são centrais para a constituição de uma identidade coletiva que desafia o anonimato urbano e afirma a presença dos corpos periféricos nos espaços centrais da cidade.

Por fim, cabe lembrar que, ao afirmar suas identidades nos territórios urbanos e virtuais, as torcidas também sofrem processos de criminalização e estigmatização, o que impacta diretamente na construção do sujeito torcedor. A luta simbólica das torcidas, portanto, não é apenas por reconhecimento, mas por sobrevivência e dignidade. Nesse

sentido, a identidade da Mancha Alviverde se revela como um processo potente, atravessado por afetos, dores, resistências e esperanças que se manifestam no coletivo.

Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada nos pressupostos da Psicologia Social Crítica e da Antropologia Urbana, com ênfase na etnografia digital como principal estratégia metodológica. Essa escolha permitiu observar e analisar os processos identitários de uma torcida organizada no ambiente digital, com foco na Mancha Alviverde e sua atuação no Instagram.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é adequada para compreender fenômenos em profundidade, respeitando os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências sociais. No caso das torcidas organizadas, as expressões simbólicas, os rituais comunicativos e as práticas de pertencimento tornam-se ainda mais complexas quando migradas para o espaço virtual.

A etnografia digital, conforme proposto por Hine (2000), constitui uma adaptação da etnografia clássica aos contextos mediados por tecnologias digitais. Ela parte da premissa de que o ambiente digital é também um campo social legítimo e habitado, no qual se constroem sentidos, vínculos e identidades. Por isso, foi possível realizar uma imersão no perfil oficial da Mancha Verde no Instagram, compreendendo suas postagens, interações e dinâmicas simbólicas.

A presença das torcidas organizadas nas redes sociais configura um novo cenário para a construção identitária coletiva, especialmente no campo do lazer. O ciberespaço tornou-se um dos principais palcos de visibilidade e atuação simbólica, onde os torcedores performam, negociam e reafirmam suas identidades. Essa realidade demanda

um olhar atento e atualizado da Psicologia Social Crítica, especialmente em diálogo com a Cyberpsicologia e a Antropologia Digital.

De acordo com Stuart Hall (2006, p. 13), a identidade não é uma essência fixa, mas sim um “ponto de sutura” entre discursos e práticas. Isso significa que ela está constantemente sendo (re)construída nas interações sociais — físicas ou digitais. A atuação da Mancha Verde no Instagram revela justamente esse processo performático de constituição identitária, por meio de publicações que evocam símbolos, afetos, lutas e memórias compartilhadas.

Para compreender como essas práticas se desenrolam no ambiente digital, torna-se fundamental considerar os aportes da Cyberpsicologia, campo emergente que estuda as interações humanas mediadas por tecnologias. Segundo Turkle (2011, p. 12), os sujeitos conectados passam a viver “vidas entrelaçadas com o digital”, em que as fronteiras entre o real e o virtual são progressivamente diluídas. Essa vivência molda afetos, vínculos, formas de pertencimento e identidades coletivas.

As manifestações torcedoras no Instagram, por exemplo, ativam elementos como resistência, solidariedade, celebração e denúncia — todos mediados por imagens, legendas, hashtags e interações simbólicas. Rheingold (1993), ao tratar do conceito de comunidades virtuais, destaca que a internet se configura como um “espaço habitável”, onde laços de pertencimento se constroem mesmo sem presença física. No caso da Mancha Alviverde, esse “habitar digital” é atravessado por um *ethos* torcedor que se expressa em cada postagem.

A metodologia adotada neste estudo, fundamentada na etnografia digital, permite acessar esses sentidos em construção. Segundo Hine (2000), a etnografia virtual é uma ferramenta adequada para compreender os modos como os sujeitos produzem

significados nas interações digitais. Ao observar o perfil oficial da Mancha Verde no Instagram durante o mês de julho de 2025, foi possível identificar padrões narrativos, rituais discursivos e dispositivos de identidade coletiva.

Esses dados foram sistematizados em tabelas analíticas (ver seção 4), a partir das categorias: (1) conteúdo simbólico das postagens, (2) engajamento afetivo (curtidas, comentários e compartilhamentos), e (3) frequência temática (eventos, homenagens, denúncias, celebrações etc.). Esses elementos permitiram compreender como se dá a articulação entre lazer, política e identidade no ambiente digital.

Ao mesmo tempo, a Psicologia Social Crítica brasileira fornece um importante lente para compreender esse fenômeno. Lane (1984, p. 39) destaca que a identidade deve ser vista como um processo histórico-social, que se manifesta nas práticas e contradições cotidianas. Quando esses processos se dão em ambientes virtuais, ganham novas nuances — como a instantaneidade, o alcance ampliado e a estética digital.

Nesse sentido, Lemos (2002) argumenta que os “territórios informacionais” se tornam espaços de disputa simbólica e política. Assim, a presença da Mancha Alviverde no Instagram não é meramente comunicacional, mas estratégica: trata-se de um território de luta por visibilidade, pertencimento e reconhecimento — tanto perante o clube quanto perante a sociedade.

A identidade torcedora que se manifesta nesses espaços digitais é também performativa, como propõe Goffman (1985), no sentido de que há uma encenação pública daquilo que se deseja afirmar: orgulho, coragem, luta, irmandade. A cada postagem, a torcida constrói uma narrativa de si, destinada não apenas aos próprios membros, mas também ao olhar externo — imprensa, adversários, patrocinadores e instituições públicas.

Por fim, a partir da noção de “identidade metamorfose” de Ciampa (1987), é possível compreender como os sujeitos se reconstroem coletivamente nesses espaços. A metamorfose não é apenas mudança, mas transformação simbólica impulsionada por tensões históricas. A Mancha Verde, ao se posicionar sobre pautas sociais, celebrar conquistas e evocar tradições no Instagram, atualiza constantemente sua identidade — em um processo dinâmico de reafirmação e resistência.

Em síntese, a análise da atuação da Mancha Verde no Instagram, por meio da etnografia digital e à luz da Cyberpsicologia, permite compreender como o lazer, a identidade e a tecnologia se entrelaçam na contemporaneidade. A torcida organizada, longe de ser um mero grupo de apoio esportivo, configura-se como um coletivo político-cultural, que opera também no ciberespaço como um ator social relevante.

Além disso, inspirando-se nos pressupostos da Cyberpsicologia, buscou-se compreender como os processos subjetivos e coletivos se organizam a partir da mediação tecnológica. A Psicologia, ao considerar os efeitos da virtualidade nas práticas sociais, amplia seu escopo de análise para além do presencial, como argumenta Turkle (2011). Assim, o Instagram não é apenas um meio de divulgação, mas um espaço de produção de identidade coletiva.

A escolha pela Mancha Alviverde como objeto de análise se justifica por sua relevância histórica, social e política no cenário das torcidas organizadas brasileiras. Fundada em 1983, a Mancha possui trajetória marcada por atuação ativa em manifestações culturais, esportivas e comunitárias, além de forte presença nas redes sociais.

A torcida apresenta um perfil consolidado no Instagram, com postagens diárias, forte engajamento e significativa produção de conteúdo simbólico, o que a torna um

campo privilegiado para análise das dimensões do lazer, identidade e pertencimento no ciberespaço. A Mancha Alviverde atua como sujeito coletivo que performa valores, narrativas e afetos, sendo um exemplo emblemático da constituição identitária contemporânea nas torcidas.

A observação etnográfica digital ocorreu ao longo do mês de julho de 2025, sendo realizadas capturas sistemáticas das postagens feitas no perfil oficial da torcida (@manchaverdetorcida). Foram analisadas 31 postagens, entre fotos, vídeos e carrosséis, totalizando um banco de dados significativo para a interpretação qualitativa.

As categorias de análise foram organizadas em três dimensões:

1. **Conteúdo simbólico** (bandeiras, frases, homenagens, memória);
2. **Engajamento afetivo** (curtidas, comentários, hashtags);
3. **Função sociopolítica da postagem** (mobilização, denúncia, celebração, convocação).

A análise dessas postagens foi sistematizada por meio de **tabelas interpretativas**, que serão apresentadas na próxima seção, cruzando os elementos visuais, textuais e interativos das publicações.

A pesquisa respeitou os princípios da ética em pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Como se trata de análise de conteúdo público disponível em rede social de caráter institucional, não houve necessidade de termo de consentimento, conforme previsto em normativas de etnografia digital (Hine, 2000; Kozinets, 2014).

No entanto, todos os dados foram tratados com o devido cuidado e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, garantindo a integridade simbólica do grupo analisado.

Análise Crítica Interpretativa das Publicações da Mancha Alviverde (Julho de 2025)

Os dados foram organizados em uma tabela que apresenta o dia da postagem, o conteúdo descrito (texto e imagem) e as categorias analíticas preliminares que emergiram dos registros. Em seguida, são discutidas interpretações críticas com base nos Estudos do Lazer, na Psicologia Social Crítica e nas contribuições da Ciberpsicologia.

Tabela 1 – Análise das postagens no perfil do Instagram da Mancha Alviverde em julho de 2025

Data	Conteúdo Postado	Categoria Inicial
01/07/2025	Arte com pavilhão e frase “Amor além das quatro linhas”	Expressão identitária e afetiva
03/07/2025	Vídeo de protesto contra arbitragem em jogo do Palmeiras	Resistência e denúncia
06/07/2025	Imagem da sede aberta com faixa “Lugar de todos nós”	Territorialidade e acolhimento
09/07/2025	Comemoração histórica de título com imagens de 1993	Memória coletiva
11/07/2025	Chamado para caravana com frase “Não importa o KM, estaremos lá”	Mobilização e pertencimento
14/07/2025	Imagem com crianças na quadra com a legenda “O futuro veste nossas cores”	Transmissão geracional
17/07/2025	Homenagem a torcedor falecido com faixa nas arquibancadas	Ritual de luto e homenagem
20/07/2025	Post sobre a importância de manter a sede limpa	Responsabilidade coletiva
23/07/2025	Vídeo dos bastidores da bateria da torcida	Cultura musical e estética do grupo
26/07/2025	Imagem da torcida na arquibancada com texto “Aqui é Mancha, aqui é casa”	Apropriação simbólica do estádio
28/07/2025	Frase motivacional com escudo: “O amor não se explica, se vive”	Sentido emocional do pertencimento
30/07/2025	Postagem com agradecimento aos doadores de alimentos da campanha solidária	Solidariedade e ação comunitária

Fonte: Os autores (2025)

A análise das postagens da Mancha Alviverde no Instagram, no mês de julho de 2025, revela aspectos centrais da construção da identidade coletiva e dos sentidos atribuídos ao lazer futebolístico, por meio do engajamento digital. A partir de uma

etnografia digital (Hine, 2000), buscou-se compreender como as práticas discursivas, imagéticas e simbólicas manifestadas pela torcida organizada se articulam com os processos de pertencimento, resistência e construção de vínculos nas mídias sociais.

A seguir, as categorias analíticas emergentes são discutidas à luz de referenciais teóricos dos Estudos do Lazer (Dumazedier, Marcellino, Gomes, Barbosa) da Psicologia Social Crítica (Ciampa, Lane, Vygotski) e da Ciberpsicologia (Suler, Amichai-Hamburger, Gaggioli), de modo a promover uma leitura crítica e situada das expressões digitais da Mancha.

Sentidos do Lazer e a Experiência do Pertencimento

O lazer, enquanto categoria central para o entendimento da cultura torcedora, é entendido aqui como prática social, identitária e simbólica. A postagem de 01/07/2025 — com a arte do pavilhão e a frase “Amor além das quatro linhas” — expressa o caráter transbordante do lazer torcedor: ele extrapola o evento esportivo e se converte em modo de vida. Isso se articula à definição clássica de Dumazedier (1979), que concebe o lazer como tempo livre escolhido e investido de sentido pelos sujeitos.

Marcellino (2010) amplia essa noção ao propor o lazer como fenômeno cultural que reflete e constrói práticas sociais. Nesse contexto, a torcida não apenas consome lazer, mas produz e organiza formas próprias de vivenciá-lo. Ao afirmar que “a quadra é nossa casa”, os torcedores não estão apenas se referindo a um local físico, mas sim a um espaço simbólico de pertencimento, marcado por memórias, afetos e luta política.

O post de 11/07/2025 (“Não importa o KM, estaremos lá”) aprofunda esse vínculo, revelando a mobilização coletiva como forma ativa de engajamento no lazer. Aqui, o lazer se torna “comprometido” (Barbosa 2018), pois a participação exige

deslocamentos, organização, sacrifícios e envolvimento emocional. Trata-se de um lazer que demanda ação coletiva e reforça o vínculo entre os sujeitos.

Ainda nesse eixo, a publicação de 14/07/2025, com crianças vestindo as cores da Mancha, representa a transmissão geracional do pertencimento. É o lazer enquanto prática pedagógica e formativa — um elemento já discutido por Gomes (2004), ao afirmar que o lazer é um lugar de socialização e construção de valores, especialmente entre camadas populares. Não é apenas o futebol, mas o estar junto, o vibrar em uníssono, o educar afetivamente pelas experiências coletivas. De modo que é possível supor que este coletivo impõe formas de ser a cada indivíduo.

Contudo, é fundamental problematizar essa construção identitária a partir do conceito de políticas de identidade coercitivas (Alves, 2017). Segundo a autora, o processo de socialização inicia-se por uma interiorização que é, em sua base, coercitiva. No contexto das torcidas organizadas, isso se manifesta quando o grupo, mesmo que de forma não intencional, impõe formas de ser e de se comportar aos seus membros. A transmissão geracional do pertencimento, simbolizada pelas crianças vestindo as cores da torcida, pode operar como uma forma de socialização coercitiva, onde a identidade é imposta antes mesmo que o sujeito desenvolva autonomia para escolher.

Alves (2017, p. 6) adverte que "negar as realidades sociais é reproduzir a ideologia dominante de forma coercitiva". Assim, quando as torcidas invisibilizam as contradições internas ou impõem uma identidade homogênea, elas podem exercer uma pressão por conformidade que limita a expressão da singularidade. A identidade, que deveria ser um processo de metamorfose contínua (Ciampa, 1987), corre o risco de se cristalizar em um papel social fixo, limitando a autonomia do sujeito.

Identidade Coletiva e Metamorfose Social

A construção da identidade coletiva aparece de modo marcante na postagem de 06/07/2025 (“Lugar de todos nós”), em que a sede da torcida é mostrada como espaço de acolhimento. Essa territorialidade simbólica opera como “ninho identitário”, segundo Ciampa (1987), pois oferece uma narrativa de continuidade ao sujeito. Para o autor, a identidade não é essência, mas processo — um processo que envolve apropriações, resistências e metamorfoses contínuas.

A Psicologia Social Crítica de Silvia Lane (1984) corrobora esse entendimento, ao afirmar que a identidade se forja no encontro com o outro e com a história social do sujeito. A postagem de 09/07, que celebra um título de 1993, não apenas rememora uma conquista esportiva, mas resgata a memória coletiva como ferramenta de coesão simbólica. Conforme Halbwachs (1990), a memória coletiva é fundamental para manter viva a identidade de grupos sociais, especialmente quando esses grupos enfrentam apagamentos ou marginalizações.

Esse processo de rememoração coletiva ajuda a garantir a permanência simbólica do grupo, e sustenta o sentido de pertencimento. Ao homenagear um torcedor falecido (17/07/2025), por exemplo, a Mancha reafirma que a identidade da torcida é maior do que o indivíduo — é uma construção histórica, afetiva e coletiva. Essa ritualização da perda reforça o laço de pertencimento ao reconhecer o valor simbólico de cada membro como parte da memória afetiva do grupo.

Assim, a Mancha opera como espaço de metamorfose identitária (Ciampa, 1987), onde o “ser torcedor” não é fixo, mas atualizado em cada postagem, gesto e ritual.

Resistência, Afetividade e Mobilização

A postagem de 03/07/2025, com vídeo de protesto contra a arbitragem, revela o caráter de resistência que permeia a identidade da Mancha Alviverde. As torcidas organizadas, em sua origem, são também movimentos sociais que questionam estruturas de poder dentro e fora do futebol. A denúncia pública da injustiça percebida torna-se também performance política — e é aqui que a Psicologia Social Crítica, com Silvia Lane (1984) e Vigotski (2001), nos ajuda a entender que a ação simbólica dos sujeitos transforma a realidade.

Ao se posicionar contra decisões arbitrárias, a Mancha mobiliza o afeto como arma política. A postagem não apenas denuncia, mas convoca o coletivo a compartilhar uma indignação comum. A afetividade, nesse sentido, é um elemento gerador de mobilização. A crítica institucional é revestida de símbolos (imagens, textos, hashtags) que circulam na lógica digital e ampliam seu alcance político.

O post de 20/07, sobre a importância de manter a sede limpa, mostra outra faceta dessa mobilização: a responsabilidade coletiva. Aqui, a ética da coletividade se apresenta como valor fundamental — cada sujeito é parte ativa na preservação do espaço comum. Trata-se de uma pedagogia do cuidado, um compromisso ético que ressignifica o lazer como lugar de deveres compartilhados e não apenas de prazeres individuais.

Ciberpsicologia, Performance e Territorialidade Digital

O uso do Instagram como palco da identidade torcedora traz a necessidade de compreender os efeitos psicológicos e simbólicos das mídias digitais na constituição do self coletivo. A Ciberpsicologia contribui com esse entendimento, sobretudo com os

trabalhos de Suler (2004) e Amichai-Hamburger (2002), que tratam da presença digital como extensão da subjetividade.

A postagem de 23/07/2025, com bastidores da bateria da torcida, é um exemplo claro de performance digital — a identidade da Mancha é exibida, encenada, produzida com intencionalidade estética. Conforme Gaggioli (2016), as redes funcionam como vitrines narrativas do self, nas quais a construção da imagem (visual e simbólica) é estratégica para produzir reconhecimento e validação social.

Além disso, a postagem de 26/07/2025 — “Aqui é Mancha, aqui é casa” — traduz a disputa simbólica pelo território. A arquibancada, que no espaço físico é cada vez mais controlada por políticas higienistas e elitistas, torna-se no digital um lugar de reconquista. A lógica do “estádio mercadoria” (Damo, 2002) é desafiada pela lógica da “arquibancada simbólica” que a torcida constrói nas redes.

Solidariedade, Responsabilidade Coletiva e Engajamento Ético

Por fim, as postagens de 28/07 e 30/07 de 2025 revelam dimensões éticas e solidárias da atuação torcedora. A frase “O amor não se explica, se vive”, acompanhada do escudo, comunica uma ética do afeto; já o agradecimento a doadores na campanha solidária aponta para uma ética da ação. Esses elementos se articulam ao que Barbosa (2018), chamam de lazer solidário — aquele que promove vínculos, cuidado com o outro e transformação da realidade social.

As ações solidárias da Mancha Alviverde, divulgadas no Instagram, constroem uma imagem pública que contesta estigmas. Em vez de violência, o que se propaga são gestos de cuidado, de partilha e de mobilização popular. Ao agradecer aos doadores de alimentos, a torcida se posiciona como agente de transformação social, prática que,

segundo Rubim (2007), redefine o papel das culturas populares nas cidades. Esse engajamento ético amplia o significado do lazer torcedor: ele não é apenas gozo ou diversão — é também projeto de mundo.

Considerações Finais

A presente investigação, fundamentada na etnografia digital e ancorada nos Estudos do Lazer, na Psicologia Social Crítica e na Ciberpsicologia, evidenciou a potência simbólica e política das manifestações digitais da Mancha Alviverde como forma de construção de identidade coletiva, pertencimento e resistência. Ao analisar as postagens no Instagram no mês de julho de 2025, foi possível compreender como a torcida organizada constrói sentidos para o lazer que extrapolam o entretenimento esportivo e assumem contornos éticos, afetivos, territoriais e políticos.

A análise revelou que o lazer, longe de ser neutro, se configura como espaço de disputa simbólica e de formação identitária, especialmente entre coletivos historicamente marginalizados. As postagens da Mancha operam como dispositivos de significação que mobilizam memórias, afetos, críticas sociais e ações solidárias, desafiando visões reducionistas que associam as torcidas organizadas exclusivamente à violência. Esse processo evidencia uma identidade torcedora em constante metamorfose, nos termos de Ciampa (1987), articulada por narrativas que atualizam o "ser Mancha" cotidianamente, tanto nos estádios quanto nos territórios digitais, fornecendo referências identitárias através de políticas de identidade coercitivas.

Contudo, este estudo também buscou problematizar a complexidade dessa construção identitária. Conforme apontado por Alves (2017), a constituição de um coletivo forte e coeso como a Mancha Alviverde não está isenta de tensões. A mesma

força que une e fortalece o grupo pode operar por meio de políticas de identidade coercitivas, que pressionam os indivíduos à conformidade e limitam a expressão de suas singularidades. A identidade torcedora, portanto, é forjada nessa complexa e incessante negociação entre a liberdade individual e as exigências do coletivo.

Por fim, este estudo reforça a importância de considerar as torcidas organizadas como sujeitos sociais ativos, produtores de cultura e memória. A Mancha Alviverde, ao transformar o Instagram em extensão simbólica de sua existência, reafirma que a identidade se constrói na luta, na festa e também na tela. Compreender esse fenômeno em sua totalidade exige reconhecer tanto sua potência emancipatória quanto os riscos de uma identidade coercitiva, que pode emergir quando o coletivo se sobrepõe de forma absoluta ao indivíduo.

A atuação da torcida nas redes também reafirma o caráter coletivo e transformador do lazer popular, tal como defendido por Marcellino (2010) e Gomes (2004). As práticas comunicacionais, performáticas e solidárias da Mancha evidenciam um lazer comprometido (Barbosa 2018), marcado por engajamento ético, construção de vínculos e luta por reconhecimento social. A territorialidade simbólica da quadra, a memória histórica, o protesto político e a mobilização para ações comunitárias tornam-se expressões de uma cultura torcedora viva e insurgente.

A Ciberpsicologia contribuiu para compreender como essas experiências se expandem e se resignificam no ambiente digital. Conforme Suler (2004) e Gaggioli (2016), as redes sociais funcionam como vitrines do self coletivo, onde identidades são performadas, negociadas e validadas. A Mancha, nesse sentido, não apenas ocupa o espaço digital, mas o transforma em arena simbólica de pertencimento, disputa e afirmação.

A análise revelou que o lazer vivido nas torcidas organizadas carrega em si essa contradição: ao mesmo tempo em que promove pertencimento, reconhecimento e resistência, pode também reproduzir mecanismos de controle social e normalização. Reconhecer essa dialética é fundamental para compreender as torcidas não de forma romantizada, mas em sua totalidade histórica e social, marcada por potências emancipatórias e também por limites estruturais.

Por fim, este estudo reforça a importância de considerar as torcidas organizadas como sujeitos sociais ativos, produtores de cultura, memória e afeto. A Mancha Alviverde, ao transformar o Instagram em extensão simbólica de sua existência coletiva, reafirma que a identidade se constrói também na tela — e que o lazer, vivido com paixão e solidariedade, pode ser espaço de resistência, cuidado e transformação, mesmo sob imposição de um coletivo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cecília Pescatore. Políticas de identidade e políticas de educação: estudo sobre identidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, e172186, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/wrW73z5FYGbfhM7CfQMnzGL/>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- AMICHAÏ-HAMBURGER, Yair (org.). *Personality and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- BARBOSA, Alexandre Luiz Nascimento Horta. Tendências nas horas dedicadas ao trabalho e lazer: uma análise da alocação do tempo no Brasil. **Texto para Discussão**, n. 2408. Brasília: IPEA, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método participativo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CIAMPA, Antônio da Costa. A história de vida como espaço de construção da identidade. In: LANE, Silvia T. M. (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 79–100.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COELHO, Edson S. M. & TRÓPIA, Patrícia. **Estudos do lazer: contribuições ao debate sobre cultura, política e emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DAMO, Arlei. **Futebol e Identidade Social**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz gênero”? Representações sobre masculinidade e feminilidade entre estudantes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 61-80, jul. 2002.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GAGGIOLI, Andrea. *The role of positive technologies in the study of positive human-computer interaction*. In: ATTRILL-SMITH, A.; FULLWOOD, C. KEEP, M. KUSS, D.J (orgs.). **The Oxford handbook of cyberpsychology**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer: concepções e significados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Cristiane Silva. **O lazer e o futebol na cidade: o espaço simbólico das torcidas organizadas**. Campinas: Autores Associados, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage Publications, 2000.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, v. 24, n. 3, p. 363-372, 2006. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/176>. Acesso em: 15 jun. 2025.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 78-98.

LE BON, Gustave. **A psicologia das multidões**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e educação. Campinas: Papirus, 1995.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Políticas públicas de lazer. Campinas: Alínea, 2010

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MASLACH, Christina; LEITER, Michael P. *Burnout: o custo do cuidado humano*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PARKER, Ian. **Revoluções discursivas na psicologia**. São Paulo: Cortez, 2005.

REIS, Elisa P. **Identidade nacional e consciência democrática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

RHEINGOLD, Howard. *The virtual community: Homesteading on the electronic frontier*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1993.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Políticas Culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. In: BARBALHO, Alexandre & RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.). **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SAWAIA, Bader. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 7-14.

SILVA, Silvio Ricardo; PRAÇA, Gibson Moreira; ABRAHÃO, Bruno Otávio; VIANA, Juliana de Alencar; GOMES, André Silveira. As Torcidas Organizadas de Minas Gerais: Relações, Organização e Manifestações. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, 2010. DOI: 10.35699/1981-3171.2010.790. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/790>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SILVA, Rosemeire Terezinha da; PORTO, Marcelo Duarte; SANTOS, Solange Xavier. Adolescentes, tecnologias midiáticas e educação: entre o caos e a harmonia. **Revista Anápolis Digital**, Anápolis, v. 11, n.2, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342611258_Adolescente_Tecnologias_Midiaticas_e_Educacao_entre_o_Caos_e_a_Harmonia_Adolescent_Media_Technologies_and_Education_between_Chaos_and_Harmon. Acesso em: 15 jun. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais**: subjetividade, formação e globalização. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Rogério da; HENRIQUES, Rogério da Silva Paes. O dinheiro como promotor de satisfação? Da economia política à economia psíquica. **Psicologia Clínica**, v. 31, n. 3, p. 565-585, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652019000300008&script=sci_arttext. Acesso em: 15 jun. 2025.

SULER, John. *The Online Disinhibition Effect. Cyber. Psychology & Behavior*, v. 7, n. 3, p. 321-326, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/8451443_The_Online_Disinhibition_Effect. Acesso em: 15 jun. 2025.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias sociais**: estudos em Psicologia Social. São Paulo: Editora Vozes, 1982.

TURKLE, Sherry. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011.

TURNER, John C. **Redescobrimo o grupo social**: uma teoria da categorização do eu. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WASKO, Camila. **Ciberpsicologia: aspectos da subjetividade na era digital**. São Paulo: Paulus, 2021.

Endereço das Autoras:

Gabriela Fernanda Aguera de Mello e Albuquerque Soares
Endereço eletrônico: gabriela.agueraa@gmail.com